



ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: (DES)SEMELHANÇAS ENTRE DISCURSOS  
FALADOS  
(CONVERSATION ANALYSIS: (DIS)SIMILARITIES BETWEEN SPOKEN  
DISCOURSES)

Carmen Teresinha Baumgärtner MACIEL (UEM)

*ABSTRACT: This article shows a brief study which is about paradigm's organization construction of two spoken texts, which have different production circumstance. This achievement /work has been based on theory of Analysis's Conversation proposed mainly by Marcuschi (1986), and by Koch (1992). This theory is found as a written passage from a dialogue of TV soapopera and an interview, which was also presented featured. After this analysis we have found some resemblance and differences found between the two texts.*

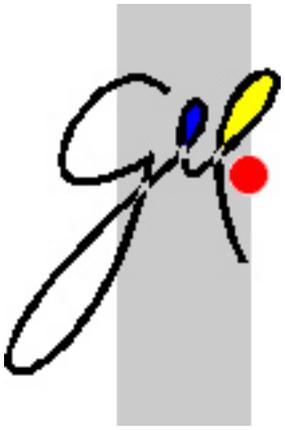
**KEYWORDS:** *spoken texts; production circumstance; resemblance; differences*

#### 0. Introdução

Até há pouco tempo, a modalidade da linguagem que mais ocupava a atenção de pesquisadores e de professores era a língua escrita. E certamente essa atenção era pertinente, dada a relevância cultural da escrita para as sociedades. A partir do momento em que se começou a observar que a língua escrita não era representação formal da fala, porque aquela não dava conta das nuances desta, começou-se a perceber a existência de um outro universo, que até então se achava inexplorado. Ampliando o foco de atenção, da modalidade escrita para a oral, chegou-se à análise da conversação. Em nosso país, alguns dos representantes desta linha de pesquisa, como Marcuschi (1986), e Koch (1992), destacam a importância que esta especificidade da língua oral tem, na interação humana. É nessa perspectiva que nos propomos a realizar este estudo em que, considerando-se o valor da língua falada, nas relações humanas, pretendemos fazer uma breve investigação, tomando como *corpus* dois textos falados, cujas condições de produção são distintas. Nosso olhar estará voltado para esse dado, a partir do qual observaremos em que medida o mesmo afeta a estrutura organizacional de ambos os textos.

#### 1. Perspectiva Teórica

No sistema educacional brasileiro, tem-se dado mais importância à escrita, do que à fala. Em decorrência disso, muito já se pesquisou sobre a modalidade escrita. A respeito da fala, no entanto, as investigações são mais recentes e em menor número. Até há pouco tempo, a escrita era tomada como forma de representação da fala. Atualmente ambas são estudadas como modalidades distintas de uso da linguagem, com características próprias. Matencio (1994:26) sugere: “alguns dos parâmetros pertinentes



para pensarmos a relação entre fala e escrita são as suas diferenças físicas, situacionais e funcionais, que determinam a natureza estrutural das duas modalidades.”

Pensar a língua oral dialogada requer que consideremos o aspecto do planejamento. Ochs (in Castilho, 1990), aponta para a existência de graus de planejamento discursivo: o *não-planejado*, que dispensa reflexões e organização anterior ao seu evento; e o discurso *planejado*, que se opõe ao primeiro, nos aspectos mencionados. Essa autora afirma que há, na oralidade, uma tendência ao não-planejado, levando-se em conta os elementos interferentes em sua produção. Nesse sentido, a conversação espontânea seria o melhor exemplo de discurso não planejado, já que administrada ali, no momento mesmo em que ocorre a interação.

Urbano (1990:634), ao refletir a respeito das propriedades decorrentes das condições de produção do texto oral, aponta: “(...), duas dimensões teóricas possíveis de planejamento na produção de um texto (escrito ou oral); o planejamento temático (o que dizer) e o planejamento verbal (como dizer)”. Segundo esse autor, numa conversação espontânea pode-se planejar o que se vai dizer, mas como se vai fazê-lo é definido passo-a-passo, no momento de sua realização.

Segundo Koch (1992:70-1), o fenômeno da conversação é organizado em *turnos*, que são as participações (intervenções) de cada interlocutor durante o ato da fala. A forma como esses turnos são definidos vai apontar para uma classificação das interações. Nesta perspectiva, podem ocorrer: a) interações simétricas: todos os sujeitos têm direito à voz; b) interações assimétricas: um dos sujeitos detém o poder da palavra e concede aos outros momentos de fala. Os *turnos* podem ser tomados por concessão, ou aproveitando-se o que se convencionou chamar de espaços de transição. Nem sempre, no entanto, a regra conversacional “fale um de cada vez” é respeitada. Ocorre então o que se denomina *assalto ao turno*. Em decorrência disso, locutores estarão falando ao mesmo tempo. A máxima citada anteriormente é recuperada quando um deles desistir da posse do turno. Quanto à estrutura da conversação em termos de sua organização tópica, Koch (opus cit.) nos fala que: “Quando se fala, fala-se de alguma coisa: isto é, durante uma interação, os parceiros têm sua atenção *centrada* em um ou vários assuntos. Tais assuntos são, de certa forma, delimitáveis no texto conversacional...”(p. 72).

Marcuschi (1986:15), ao falar sobre “organização elementar da conversação”, aponta cinco princípios básicos: numa interação verbal deve-se ter no mínimo dois falantes, com pelo menos uma troca de turno, numa unidade de tempo. Além disso, semelhante ao que propõe Koch, deverá ocorrer o envolvimento dos falantes numa “interação centrada”. Esse autor sugere ainda que na conversação estabelecem-se contratos sociais, que são normas tácitas aceitas por todos, as quais permitem a distribuição dos turnos entre os falantes. Por exemplo, a já citada, “fala um de cada vez”. Além das tomadas de turno e da organização tópica, as falas simultâneas (turnos superpostos) e as sobreposições (a fala durante o turno do outro) também interferem na realização do diálogo. Quando isso ocorre, alguns mecanismos reparadores são acionados (cf. Marcuschi, opus cit.) a saber: “(a) marcadores metalingüísticos como: “espera aí”; “deixe eu falar”; (b) parada prematura de um falante: um desiste em favor do outro; (c) marcadores paralingüísticos: um olhar incisivo, um segura o braço do outro etc.” As pausas, silêncios e hesitações são, também, para Marcuschi, organizadores conversacionais, assim como as reparações e as correções. As hesitações permitem ao



falante organizar e planejar a sua fala durante a posse do turno, as quais podem ser assim expressas: “ah ah ah” ou “ah::eh::”. Isso para o ouvinte pode funcionar como um pedido de socorro (cf. Marcuschi, opus cit.). Quanto às reparações e às correções, tem-se que são meios através dos quais corrigimos a nossa própria fala e a fala do outro, utilizando-nos para tanto de reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos.

Angélica Wenzel, em seu artigo *Funktionen Kommunikativer Paraphrasen*, propõe o que definiu como “paráfrase comunicativa”, isto é, quando temos dois enunciados, e o segundo retoma parcial ou totalmente o conteúdo do primeiro, explicitando idéia igual ou semelhante à deste. Essa autora divide as paráfrases em *paráfrase retórica* e *paráfrase reconstrutiva*, que se distinguem pelo fato de que a primeira se refere à retomada, pelo falante, de sua própria fala, ao passo que a segunda diz respeito à reconstrução da fala de um dos locutores, pelo outro.

## 2. Coleta de Dados e Procedimentos de Análise

Para compormos o *corpus* desse estudo, coletamos os seguintes dados: gravação em vídeo de dois diálogos televisionados: um capítulo de uma telenovela, e uma entrevista com um ator. Após termos coletado esses dados, passamos à etapa da transcrição dos diálogos. Neste trabalho apresentaremos apenas pequenos trechos da gravação. Para sua análise recorreremos aos sinais utilizados por Koch (1992), com algumas adaptações que remetem ao modelo utilizado por Marcuschi (1986). A fim de situarmos o leitor, usaremos asterisco para indicar o modelo deste autor, e a ausência deste sinal indica o uso das normas de transcrição propostas por aquela autora. 1) falas simultâneas, superposição: [; 2) qualquer pausa: (+)\*; 3) dúvidas e suposições: ( )\*; 4) truncamentos: /\*; 5) ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA; 6) alongamento de vogal ou de consoante: :: ; 7) silabação: ----; 8) interrogação: ?; 9) repetições: reduplicação de letra ou de sílaba\*; 10) pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção: reprodução dos sons\*; 11) indicação de transcrição parcial ou de eliminação: ... ou |...|\*.

Para indicarmos os locutores do diálogo da telenovela (texto 1) usaremos L<sub>1</sub> e L<sub>2</sub>. Para os falantes envolvidos no texto da entrevista (texto 2), utilizaremos E<sub>1</sub> para o entrevistador e E<sub>2</sub> para o entrevistado. Todas as falas virão após dois pontos (: ) e em letras minúsculas. Observemos alguns trechos transcritos da telenovela:

L<sub>1</sub>: então tá bom (+) então um beijo bem GRANde (+) tá (+) te a::mo (+) tcha::u ...

L<sub>2</sub>: então a gente jo::ga no mesmo time (+) eu tenho uma filha de 12 anos (+) que eu sou louco por ela (+) não consigo imaginar muito tempo lo::nge sem poder (++)...

L<sub>2</sub>: quer dizer então que amanhã você vai visitar o /.../ no escritório?

L<sub>1</sub>: é:: ele pediu (+) disse que estava ocuPA::do com a agenda che::ia (+) pra mim tudo bem (+) o importante é poder falar sobre o fato né (+) quanto mais eu souber sobre ele:: melhor

Percebe-se, nesse trecho, que o mesmo apresenta elementos que caracterizam a conversação, quais sejam: a) envolvimento entre pelo menos dois interlocutores; b) uma situação; c) organização das falas em turnos; d) simetria nas intervenções; e) respeito à regra “fale um de cada vez”; f) organização tópica (interação centrada); g) ocorrência de pausas, silêncios, hesitações. Por outro lado, trata-se de um diálogo envolvendo duas



personagens de uma telenovela. Os textos escritos, e dentre eles os que se destinam a essa finalidade, possuem características próprias. Primeiramente, chamamos a atenção para a questão do planejamento. Conforme Urbano (1990), tanto o texto escrito quanto o oral requerem um certo grau de planejamento. Esse autor sugere que esse grau será maior no texto escrito, e menor no oral. Como a produção desse diálogo foi feita por escrito, muito antes de sua exposição, e por um sujeito que não é o mesmo que os atores que “interpretam” as personagens, o seu tempo de planejamento certamente não foi breve. Nesse tipo de produção é comum o uso de rascunhos, de revisões e de refações. Se estamos de acordo que este é um discurso planejado, em outras palavras estamos corroborando a idéia de que ele não é fragmentado, ou que o grau de descontinuidade de seu fluxo é relativamente baixo.

Uma das características mais marcantes na conversação é o “assalto ao turno”. No texto em questão ocorreram trocas de turno. Mas todas foram feitas sempre através da concessão de voz, de um locutor para com o outro. Os “truncamentos bruscos”, (Marcuschi: 1986), também não ocorrem em toda a extensão do texto analisado, nem do falante no interior de seu próprio turno, nem vindo de seu interlocutor. A extensão de cada turno também é relativamente pequena. Não foram constatadas falas muito extensas.

Assim, após essa breve análise, nota-se que o texto apresentado nessa situação não foi produzido localmente, mas rascunhado, lapidado anteriormente com todo cuidado, para que os fins a que esse tipo de material se propõe sejam atingidos. Por isso, elementos que são próprios de uma conversação, tais como as redundâncias, as paráfrases e os assaltos ao turno, entre outros, não se fizeram presentes neste diálogo. Vamos agora à transcrição de trechos da entrevista:

E<sub>1</sub>:...agora você brinca com o público:: existe uma resposta imediata(+) eles participam

[

E<sub>2</sub>: existe(+)existe(+)existe e eu digo que /.../uma maneira verbal(+)é até de uma maneira não verbal(+)como assim?(+)é(+)você está me ouvindo(+) então/.../ a gente ouve demais::is quer dizer a gente não sabe ouvir(+)

E<sub>1</sub>: e numa relação de trabalho é fundamental ouvir também?

[

E<sub>2</sub>: sim(+)fundamental

E<sub>1</sub>: agora(+) uma::uma::eu fico curiosa para saber::quer dizer(+)como é que:: você entrou/.../né:: uma diretora que é um PRÉ::mio

[

E<sub>2</sub>: minha MESTRA

E<sub>2</sub>: aconteceu::foi natural(+)/.../empresa que me convidou para fazer teatro no avião

[

E<sub>1</sub>: durante a viagem?

...

E<sub>1</sub>: interessa::nte

[



E2: aí a/.../ fez um ( )a/.../(+) de um argumento da peça...

E1: é verdade::as pessoas ficam::

Trata-se de uma situação comunicativa real, embora um pouco diferente de conversações do dia-a-dia, porque essas têm um grau maior de espontaneidade. Ao afirmarmos que se trata de uma interação, estamos levando em conta as suas condições de produção e a sua estrutura organizacional. Há dois sujeitos face-a-face produzindo sentidos localmente, simultaneamente ao desenvolvimento do diálogo. Assim, a compreensão do texto tem de se dar no momento em que o mesmo é emitido.

No início do primeiro turno transcrito, E<sub>1</sub> se utiliza da expressão *agora*, que serve, normalmente, como indicador de tempo, um dêitico, já que sua referencialidade só é determinada pelo contexto. Neste caso, no entanto, trata-se de um sinal posicionado no início do turno, que serve para orientar o ouvinte, chamando-lhe a atenção para o tópico que é desenvolvido a partir daí. Esse turno estava sendo organizado em forma de pergunta, que não foi concluída, já que o entrevistado (E<sub>2</sub>), tomou de assalto a voz de E<sub>1</sub>. O uso da repetição (*existe(+)* *existe(+)* *existe(+)*), no início do 2º turno teve como objetivo levar E<sub>1</sub> a desistir de seu turno. Ainda de posse da palavra, E<sub>2</sub> se utiliza da expressão indagativa *como assim?*, a qual funcionou como uma estratégia para indicar a progressão de sua fala. Ao pronunciá-la, E<sub>2</sub> está se utilizando do que Wenzel denominou de paráfrase comunicativa retórica, cuja ocorrência se dá quando o falante, com a finalidade de se fazer melhor compreender por seu interlocutor, precisa a linha de seu próprio pensamento, recorrendo ao uso dessas palavras. As retificações são outro marcador que esteve presente neste diálogo. O uso de *quer dizer*, ao final do 1º turno de E<sub>2</sub>, aponta para uma refacção da frase anterior. Aliás, esse recurso (“quer dizer”), teve outras ocorrências, como no caso do 3º turno de E<sub>1</sub>, por exemplo, em que o enunciador lança mão desse recurso, agora não mais com a finalidade de retificar o que fora dito, mas para reorganizar o fluxo do próprio pensamento. As tomadas de turno são feitas por ambos os interlocutores, embora E<sub>2</sub> o faça com muito mais frequência do que E<sub>1</sub>. É possível que isso se deva em razão de que numa situação de entrevista, o esperado é que o entrevistado fale mais do que o entrevistador, porque é aquele quem está ali para dizer coisas, muito mais do que este, cujo papel será o de monitorar a conversação.

Repetições foram constatadas, como na 3ª fala de E<sub>1</sub>: “...uma::uma...”. Para Santos (1989), trata-se de uma “auto-repetição”, já que E<sub>1</sub> repete uma palavra de sua própria fala. Segundo essa autora, esta é uma “estratégia conversacional” que permite ao falante organizar seu pensamento, ou ainda, que serve como meio de manutenção do turno.

### 3. Considerações Finais

Primeiramente trazemos para a discussão a questão das condições de produção de ambos os textos. No primeiro caso (o diálogo da telenovela), o texto foi produzido por um escritor de telenovelas, que o faz com todo o planejamento que um texto escrito requer. Assim, este é um texto escrito para ser dito como se não tivesse sido escrito, e quem o diz não é o mesmo que o produziu. No segundo caso (o texto da entrevista), mesmo o entrevistador sabendo anteriormente a respeito do assunto que seria tratado, o que lhe daria a possibilidade de fazer uma elaboração prévia, percebemos que os sentidos foram sendo produzidos durante o ato da interação. Neste caso, tivemos dois “eu” falando num “aqui” e num “agora”, de certa forma senhores de suas falas. A



organização de ambos os textos está estruturada com base em suas condições de produção, o que significa afirmar que mesmo se tratando de dois textos falados ( e aí temos uma semelhança entre ambos), possuem características parcialmente distintas. No primeiro caso evidenciaram-se turnos simétricos e relativamente breves, sem assaltos, falas lineares, fluxo enunciativo contínuo, ausência de repetições, de paráfrases. Já no texto 2, o comportamento dos sujeitos envolvidos na enunciação foi diferente. A extensão dos turnos variou entre turnos longos e breves. Os falantes recorreram a mecanismos como indicadores de progressão discursiva, sinais pré-posicionados no início do turno, paráfrases, retificações, auto-repetições dentre outros.

Assim, embora ambos os textos tenham sido regidos por um mesmo sistema léxico-gramatical, a organização de seus paradigmas de construção esteve voltada para as especificidades de processamento, de transmissão e de assimilação, considerando-se as situações comunicativas distintas, e também as diferentes condições de produção.

**RESUMO:** Esse artigo apresenta um breve estudo a respeito da organização dos paradigmas de construção de dois textos falados, cujas condições de produção são diferentes. Esse trabalho encontra-se fundamentado na teoria da Análise da Conversação, proposta principalmente por Marcuschi (1986) e por Koch (1992). Traz como *corpus* trechos transcritos de um diálogo de telenovela e de uma entrevista, ambos veiculados na televisão. Após a análise, tecemos algumas considerações a respeito das semelhanças e das diferenças observadas entre os dois textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** texto falado; condições de produção; semelhanças; diferenças.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. 1: A ordem. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção repensando a língua portuguesa), p. 66-107.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986 (Série Princípios).
- MATENCIO, Maria de L. Meirelles. *Leitura e produção de textos na escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras – Editora Autores Associados, 1994.
- SANTOS, Maria do Carmo de O. T. Os deslocamentos à esquerda e as repetições. In *Estudos Lingüísticos – XVII Anais de Seminário do GEL – São Paulo*, 1989.
- URBANO, Hudinilson. Do oral para o escrito. In *Estudos Lingüísticos*. Anais de Seminário do GEL – São Paulo. Bauru, SP, 1990.
- WENZEL, Angélica. *Funktionem Kommunikativer Paraphrasen*. Am Beispiel von Gesprächen Zwischen Bürgern und Beamten am Sozialamt. (Manuscrito, Artigo resumido e traduzido para o Português ).